

PRÁTICAS DISCURSIVAS E SUBJETIVIDADES NÔMADES: O GOVERNO DA REVISTA NOVA ESCOLA (TRANS)FORMANDO O PROFESSOR

Carmen Brunelli MOURA

Universidade Potiguar

Marluce Pereira da SILVA

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Em uma época de mudanças constantes, incertezas e de ações de curto prazo nas quais se abre um leque de oportunidades e vantagens que exigem um conjunto de habilidades diferentes, não seria estranho que as subjetividades tivessem de deixar o conforto da estabilidade e se lançar em um turbilhão de ações transformadoras e a elas tentar se adequar para sua própria sobrevivência. É dentro deste contexto de governamentalidade contemporâneo, principalmente, na mídia, que as subjetividades se veem em um processo de transição, que vai levá-las a se abrir a novas experiências e a se constituir como subjetividades nômades, nas quais se instituem novos modos de ser. Compreendendo a mídia educativa como um contexto alternativo de produção de subjetividades, indaga-se como se instituem nas práticas dos espaços midiáticos, especificamente da revista Nova Escola, as subjetividades nômades de professores? Esse trabalho inscreve-se metodologicamente na perspectiva interpretativista discursiva e teoricamente nos Estudos Culturais, contribuições de Foucault (1989, 2004a) acerca de subjetividade, governo e verdade, e na noção de nomadismo de Deleuze e Guattari (1995). A partir da concepção de linguagem como prática socialmente construída, objetiva-se descrever como são produzidas as subjetividades nômades de professores nas práticas da revista Nova Escola. Tomam-se como objeto de estudo textos multimodais, publicados na revista, entre os anos 80 e 90, compreendidos como práticas discursivas que constituem sujeitos. Os resultados evidenciam preliminarmente que, nesse período, os textos multimodais constituem um emaranhado de subjetividades nômades que se caracterizam pela pluralidade, transitividade e por um processo de desenvolvimento profissional constante que sugere uma educação permanente e, conseqüentemente, mudanças nos modos de ser professor e em sua prática.

Palavras-chave: Subjetividades. Governo. Discursividades. Professor.

DISCURSIVE PRACTICES AND NOMADIC SUBJECTIVITIES: THE GOVERNMENT OF NOVA ESCOLA MAGAZINE (TRANS)FORMING THE TEACHER

ABSTRACT: In an era of constant changes, uncertainties and short-term actions in which a wide range of opportunities and advantages are available requiring a set of different skills, it would not be eccentric that the subjectivities had to leave out their stability and face a huge amount of transforming actions and thus try to suit them for their own survival. It is in this contemporary governmentality context, especially, in the media that the subjectivities encounter in a transition process leading them to new experiences and constituting as nomadic subjectivities, in which new ways of being are instituted. Once educational media is being understood as an alternative context of subjectivity production, it is questioned how teachers' nomadic subjectivities are instituted in the practices of media environments, especially in the Nova Escola magazine? As to the methodology, this research is centered on the discursive interpretivist perspective and its theoretical foundations are based on Cultural Studies, Foucault's contributions (1989, 2004a) about subjectivity, government and truth as well as on Deleuze's and Guattari's (1995) nomadic notion. From language conception as a socially constructed practice, it aims at describing how teachers' nomadic subjectivities are produced in the practices of Nova Escola magazine. Multimodal texts, published in the magazine, between 1980 and 1990, have become study object understood as discursive practices that constitute subjects. Results highlight preliminarily that, in this period, multimodal texts constitute a great range of nomadic subjectivities that are characterized by means of plurality, transitivity as well as by a process of steady professional development that suggests permanent education and, consequently, changes in the teacher's practice and his or her ways of being.

Keywords: Nomadic subjectivity. Governmentality. Discursivities. Teacher.

PRÁCTICAS DISCURSIVAS Y SUBJETIVIDADES NÓMADES: EL GOBIERNO DE LA REVISTA "NOVA ESCOLA" (TRANS) FORMANDO EL (LA) PROFESOR(A)

Resumen: En una época de cambios constantes, incertidumbres y de acciones a corto plazo en las cuales se abre un abanico de oportunidades y ventajas que exigen un conjunto de habilidades diferentes, no sería extraño que las subjetividades tuviesen que dejar el confort de la estabilidad y lanzarse a un torbellino de acciones transformadoras y a ellas intentar adecuarse para su propia sobrevivencia. Es dentro de este contexto de gubernamentalidad contemporánea, principalmente, medios de comunicación, que las subjetividades se ven en un proceso de transición, que va a llevarlas a abrirse a nuevas experiencias y a constituirse como

subjetividades nômades, en las cuales se instituyen nuevos modos de ser. Comprendiendo los medios de comunicación educativos como un contexto alternativo de producción de subjetividades, se indaga ¿cómo se instituyen en las prácticas de los espacios mediáticos, específicamente de la revista “Nova Escola”, las subjetividades nômades de profesores? Este trabajo se inscribe metodológicamente en la perspectiva interpretativista discursiva y teóricamente en los Estudios Culturales, contribuciones de Foucault (1989, 2004a) acerca de subjetividad, gobierno y verdad, y en la noción de nomadismo de Deleuze y Guattari (1995). A partir de la concepción de lenguaje como práctica socialmente construida, se objetiva describir como son producidas las subjetividades nômades de profesores en las prácticas de la revista “Nova Escola”. Se toman como objeto de estudio textos multimodales, publicados en la revista, entre los años 80 y 90, comprendidos como prácticas discursivas que constituyen sujetos. Los resultados evidencian preliminarmente que, en ese período, los textos multimodales constituyen un enmarañado de subjetividades nômades que se caracterizan por la pluralidad, transitividad y por un proceso de desarrollo profesional constante que sugiere una educación permanente y, consecuentemente, cambios en los modos de ser profesor y en su práctica.

Palabras-clave: Subjetividad nômade. Gubernamentalidad. Discursividades. Profesor.

INTRODUÇÃO

[...] eu sou aquilo que se tem sempre de superar a si mesmo. (NIETZSCHE, 1998).

Em uma época de mudanças constantes, incertezas e de ações de curto prazo nas quais se abre um leque de oportunidades e vantagens que exigem um conjunto de habilidades diferentes, não seria estranho que as subjetividades tivessem de deixar o conforto da estabilidade e se lançar em um turbilhão de ações transformadoras e a elas tentar se adequar para sua própria sobrevivência. É dentre deste contexto de governamentalidade contemporâneo, principalmente, na mídia, que as subjetividades se veem em um processo de transição, que vai levá-las a se abrir a novas experiências, a remodelar formas de se relacionar consigo e com os outros e a instituir novos modos de ser.

Embora os sujeitos estejam sempre em busca da estabilidade, segurança, aconchego, tudo isso se torna uma ilusão na contemporaneidade, na experimentação da vida social que propõe inúmeros discursos de verdade que convocam os sujeitos a se responsabilizarem por suas ações e transformações. Logo, não é nesta estabilidade que os sujeitos se constituem,

mas nas transformações e mudanças, nas areias movediças da instabilidade e das multiplicidades de oportunidades que implicam pensar em diferenças, singularidades, individualizações, em subjetividades que escapam de poderes instituídos. Como afirmam Deleuze e Guattari (1995),

As multipheidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multipheidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.8).

É nessa realidade multifacetada que a mídia educativa se institui como um lugar de produção de diferentes subjetividades e no qual se multiplicam os sentidos, produzidos em meio à condição também movediça da linguagem, que anula qualquer fixidez e convida a mudanças. Mudanças imprescindíveis para que as subjetividades possam resistir à unificação, a uma representação de si constituída por práticas discursivas que visam à legitimação de saberes que reafirmam identidades estabelecidas e autorizadas e que desprezam qualquer relação com a transição, a não determinação, a subversão, o nomadismo.

Diante disso, indaga-se como se instituem nas dizibilidades e visibilidades dos espaços midiáticos, especificamente da revista Nova Escola, as subjetividades de professores que tentam atravessar a estabilidade imposta? Como se constituem as subjetividades que ultrapassam as fronteiras e se deslocam em direção a um lugar sem destino final? Diante dessas problematizações, esse trabalho inscreve-se metodologicamente na perspectiva interpretativista discursiva e teoricamente nos Estudos Culturais, nas contribuições de Foucault (2004a, 2004b) acerca de subjetividade, governo e verdade, e na noção de nomadismo de Deleuze e Guattari (1995).

A partir da concepção de linguagem como prática socialmente construída, objetiva-se descrever como são produzidas as subjetividades de professores nas práticas da revista Nova Escola e como o processo de desenvolvimento profissional proposto pelas práticas da revista engendram mudanças no modo de ser professor. Tomam-se como objeto de estudo textos

multimodais, publicados na revista, entre os anos 80 e 90, compreendidos como práticas discursivas que constituem sujeitos.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

A análise das capas da revista Nova Escola a ser realizada na próxima seção segue a investigação interpretativista. Assim, pensando com Moita Lopes, decidiu-se tomar o caminho desta pesquisa por representar:

[...] um foco de investigação diferente, revelador, portanto, de novas descobertas que não estão ao alcance de pesquisa positivista [ciências naturais], mas também por avançar um tipo de método de pesquisa que pode ser; adequado à natureza subjetiva do objeto das ciências sociais. (MOITA LOPES, 1996, p.22)

Essa opção pela pesquisa interpretativista pressupõe analisar como os *experts* fazem uso da linguagem e instituem saberes que criam novos espaços, novas possibilidades de constituição de subjetividades nômades do professor, ou seja, de subjetividades que se fragmentam e perdem sua unidade original. Portanto, este período de tempo representa as grandes mudanças ocorridas no cenário educacional que vai dos últimos anos do regime militar, tempo que surge a revista, passando pelos anos 90 e seus discursos de educação para todos e de qualidade e desemboca nos anos 2000, com discursos éticos, voltados para o autogoverno do professor.

Inicialmente, não sabíamos o que encontrar nas revistas, então optamos por organizar as revistas em ordem cronológica para facilitar nossa visão do todo. Como o nosso interesse sempre foi a formação do professor, percebemos uma quantidade ínfima de capas com reportagens que evidenciassem em seus textos imagéticos e verbais as transformações nas subjetividades. Após a seleção, delimitamos nosso *corpus* a apenas seis exemplares dos anos 80 e 90, uma vez que nas edições dos anos 2000, não havia uma capa que atendesse aos objetivos propostos neste estudo.

2 MÍDIA EDUCATIVA: GOVERNANDO AS CONDUTAS DO PROFESSOR

A mídia educativa brasileira tem um modo particular de discursos para governar a conduta do professor e, os discursos de Nova Escola – *corpus* desta pesquisa – são exemplares ao apresentarem uma multiplicidade de *experts*, provenientes de distintos campos de saber, que produzem textos e realidades diferentes. Esses discursos são produzidos a partir da compreensão de que a linguagem não reflete uma realidade que preexiste a ela, mas por meio da linguagem, é possível criar realidades em meio a um emaranhado de práticas discursivas. Por isso, não há uma verdade, mas verdades que se encontram em um jogo de múltiplos efeitos e um dos caminhos é tentar perseguir uma delas para ver onde vai dar. Assim, para problematizar a mídia e seus discursos, é preciso compreendê-la

[...] como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita, e uma coisa em curso e feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram, de múltiplas maneiras e com graus de sucesso variáveis, se conectar umas com as outras. (SILVERSTONE, 2002, p. 16-17).

Essa processualidade, presente na mídia e reivindicada por Silverstone, implica o reconhecimento de que os discursos da mídia não operam apenas como subjugadores dos sujeitos, como prática coercitiva que reprime, domina, mas como uma *prática de liberdade* (FOUCAULT, 2004a) que introduz *tecnologias do eu* (FOUCAULT, 1989) para produzir transformações nas subjetividades e nas formas como essas subjetividades constituem efeitos e se posicionam nas práticas sociais. As *tecnologias do eu* criam espaços de autogoverno, autorregulação e autorresponsabilidade em meio a jogos de verdade que “[...] tornam possível governar de uma maneira liberal avançada” (ROSE, 2006, p. 158, tradução livre). É nesse contexto que a mídia educativa começa a investir em programas de desenvolvimento profissional e na pessoa do professor, uma vez que “ser profissional implica ser capaz de aprender sempre” (BRASIL, 1999b, p. 63), de “buscar alternativas de capacitação e aperfeiçoamento” (BRASIL, 1999a, p. 28).

Essa busca não se dá mais em meio a tecnologias de dominação que determinam a conduta e o comportamento do sujeito, impondo-lhe vontades, fins e objetivos para sua vida; mas, por *tecnologias do eu* que maximizam a qualidade de vida do professor mediante um conjunto de exercícios e discursos que são postos à sua disposição, a fim de que ele mesmo opere transformações em suas subjetividades. Todavia, como essas *tecnologias do eu* se fazem presentes na revista? Que discursos de verdade são propostos ao professor para transformar suas subjetividades?

Embora alguns possam atribuir a esses discursos traços semânticos do discurso de autoajuda, caracterizado pela fé no outro, certeza de mudanças em si mesmo, crença de que sonhos, projetos, desejos serão realizados, o caminho não me parece o da manifestação de certezas tão solidificadas. A intenção é pensar o discurso midiático sob um ponto de vista menos reducionista do que aqueles que veem a mídia apenas como um instrumento de controle do discurso. Propõe-se para os discursos da revista um lugar de possibilidades de criação de novos sentidos, de novas subjetividades, de novas práticas discursivas que permitam ao professor transfigurar-se, subjetivar-se, ou seja, sustentar, de forma autônoma, os discursos que lhe são transmitidos como verdadeiros.

Por isso, o “caminho das pedras” proposto por Nova Escola passa, necessariamente, pela relação com o outro, que equipa o professor de verdades que implicarão em sua responsabilidade, ou seja, sobre seu processo de desenvolvimento profissional. A atenção que deve ser dada pelo professor a sua formação insinua o reconhecimento da presença do outro, do *expert*, do conselheiro, que se torna imprescindível para que o professor se constitua subjetivamente. É o outro que tem a função de orientar, conduzir, influenciar, equipar o professor para dotá-lo de

[...] uma ousadia, de uma coragem, de uma espécie de intrepidez que lhe permite afrontar não apenas as múltiplas crenças que se pretendeu impingir-lhe, como igualmente os perigos da vida e a autoridade dos que pretendem determinar sua lei (FOUCAULT, 2004a, p. 293).

O outro, nessas relações, não é mais aquele que impõe suas verdades, mas aquele que propicia, que negocia, que faz trocas, amplia as relações do sujeito consigo mesmo, diversifica os espaços e as *práticas de liberdade*. Que retira o sujeito das certezas de uma comunidade, considerada um “lugar ‘cálido’, confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2003, p.7) no qual os sujeitos podem relaxar, se sentir seguros e aconchegados. Na atualidade, esses espaços são utópicos e não há mais investimentos nos quais as regras são delineadas e aceitas por todos, pois há inúmeros modos de constituir subjetividades autônomas a partir de práticas de liberdade.

Por isso, os artefatos midiáticos passam a engendrar *processos de desenvolvimento profissional*, permeados de *tecnologias do eu*, que passam a significar um “lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si” (LARROSA, 1994, p.57). Lugar onde se constituem subjetividades, onde os sujeitos aprendem a ver-se, expressar-se, narrar-se, julgar-se, dominar-se, ou seja, onde os sujeitos aprendem que a constituição de si implica a relação com o outro. Nesse sentido, a mídia educativa vai engendrar vários efeitos na constituição das subjetividades. No entanto, não é possível apreender todos os efeitos, uma vez que a linguagem nunca diz exatamente o que diz, pois sempre há múltiplos efeitos enunciando outros que, por sua vez, seria “[...] o sentido mais forte, o sentido ‘por baixo’” (FOUCAULT, 1997, 40).

Em termos foucaultianos, atualmente se institui nos discursos midiáticos uma *atitude de modernidade* que compreende os processos de subjetivação, situados na relação entre instituições, ética e política. São práticas de liberdade que passam a fazer parte da produção das subjetividades nômades e que se traduzem em um corte com a concepção de poder negativo. Agora, os discursos da mídia educativa se constituem como práticas que buscam promover autonomia, liberdade, novas subjetividades dos professores a partir de formas diferenciadas de processos de subjetivação. Esses processos, no interior do neoliberalismo, produzem tecnologias subjetivantes, que sugerem uma educação permanente e, conseqüentemente, mudanças nos professores e em suas práticas.

Estudar a mídia educativa compreende percebê-la como “um observatório privilegiado de todas as evoluções e todas as revoluções que ocorrem nos conteúdos, nas formas, nos objetivos e nos ideais de educação, de ensino e da formação” (CASPARD, 2002, p.289) e um lugar privilegiado para a compreensão de discursos que são produzidos por uma expertise para o governo de si e dos outros. Ao analisar os discursos da Revista Nova Escola entre os anos 80 e 90, percebe-se que o periódico caracteriza-se como um observatório de onde é possível compreender uma *geografia de verdade* presente na materialidade imagética e linguístico-discursiva e que permite inventar algo, criar singularidades, capturar as subjetividades “em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p.35).

Nessa dinâmica, é possível perceber que a Revista Nova Escola narra uma história de emergências no contexto educacional. Que emergências são estas?

3 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NÔMADES

A descentralização do sujeito na pós-modernidade tem levado a pensar que é preciso reinventar novas formas de estar no mundo. Formas que impliquem em renunciar o modelo de comunidades sólidas, no qual os sujeitos se abrigam para fugir às mudanças, às inquietudes, aos desafios, e abram espaços para outras maneiras de olhar o mundo. É necessário abarcar novas subjetividades e percebê-las como transgressivas, transitórias, constituídas em meio a diferentes linguagens e a distintas ordens do discurso.

Uma dessas ordens refere-se à emergência de discursos que propiciam a constituição de novas subjetividades nômades de professores em meio à superação de algo unitário, estável, sólido, de contornos fixos que dá lugar a “formas de subjetividade múltiplas, heterogêneas, de confins fluidos” (DOMÈNECH, TIRADO, GÓMEZ, 2001, p.122), construídas nos processos de subjetivação em meio às dobras subjetivantes, como denomina Deleuze (2005). A estratégia de *governamentalidade* assumida pela revista demonstra o quanto modelos de subjetividades são suplantados em favor de outros, uma vez que os processos subjetivadores devem ser relações de diferença, de criação, de inovação.

Assim, nesses processos, Deleuze (2005) afirma que as subjetividades estão em um contínuo movimento, construído na relação consigo mesmo e com o outro. Acerca dessa afirmação, Foucault (2008) comenta que:

Pensar antes as intensidades (e mais cedo) do que as qualidades e as quantidades: antes as profundidades do que os comprimentos e as larguras; antes os movimentos de individuação do que as espécies e os gêneros; e mil pequenos sujeitos larvários, mil pequenos eus dissociados, mil passividades e pululações lá onde, ontem, reinava o sujeito soberano. (FOUCAULT, 2008, p. 142-4).

Foucault evidencia em seu enunciado a questão do nomadismo, proposto por Deleuze, que se funda em uma crítica ao sujeito unificado, fixo, universal e vai à busca de um processo no qual as subjetividades estão imersas em uma rede de conexões, de diferenças, de recriação e subversão às convenções e comportamentos disciplinados, uma vez que o “nômade carrega seus pertences pessoais aonde quer que vá e pode recriar sua base onde for” (BRAIDOTTI, 1994, p. 22). Em outras palavras, as subjetividades nômades viajam sem precisar sair de seu lugar, pois os processos em que se inserem estão sempre em transição e são, por natureza, transgressores, rizomáticos, transitórios.

As subjetividades compreendidas como nômades são fundadas em experiências nomádicas, como sugere Deleuze (1990), que adverte:

Se os nômades nos têm interessado tanto, é porque eles são um vir-a-ser e não fazem parte da história; são dela excluídos, mas se metamorfoseiam para reaparecer de outra maneira, sob formas inesperadas, nas linhas de fuga de um campo social (DELEUZE, 1990, p. 209).

São destas formas inesperadas que derivam professores que se despem de subjetividades que teimam em prendê-los em certa comunidade sob a justificativa de proteção e aconchego, pois outras subjetividades já estão ao seu dispor. Os processos subjetivadores desconstroem qualquer senso de fixidez, saberes e poderes subjugadores e a pós-modernidade é exemplar nessa desconstrução. Mas, como a noção de subjetividades nômades faz repensar as imagens de professor construídas pela Nova Escola ao longo desses anos em

seus textos multimodais? Como as subjetividades se constituem nesses processos que se impõem para pensá-las de outra forma?

Assim, para compreender os processos de subjetivação do professor na revista *Nova Escola*, é imprescindível levar em consideração que não há mais um sujeito unificado, mas subjetividades que se ramificam nas relações sociais, pois onde há poder, há liberdade, há sempre possibilidade de transformação.

4 DISCURSOS DE VERDADE DA NOVA ESCOLA: CONSTITUINDO SUBJETIVIDADES NÔMADES

Ao analisarem-se os discursos da revista *Nova Escola*, entre os anos 80 e 90, é possível perceber que o periódico caracteriza-se como um observatório de onde se pode tentar compreender uma *geografia de verdade* presente na materialidade linguístico-discursiva e que permite inventar algo, criar singularidades, capturar as subjetividades “[...] em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Na edição de abril de 1986 (Figura 1) os efeitos desse nomadismo já começam a se evidenciar no texto verbal e imagético e se dão a partir de uma *reforma silenciosa*¹ que os docentes promovem na escola pública em vista de um discurso de *falência* que permeava a educação sob o regime militar. A materialidade linguística sinaliza a *expertise* da Revista que se propõe a pensar *Como os professores estão mudando o 1º grau?*. Esse enunciado faz parte das *problematizações* da época e encaminha para práticas que assumem a “forma de uma arte de si, relativamente independente de uma legislação moral” (FOUCAULT, 2004b, p.244), ou seja, de práticas cujo exercício do poder estava voltado para a disciplinarização das subjetividades. Em lugar de uma individualização, o objeto de preocupação destas práticas discursivas era a intensificação da relação do professor consigo mesmo, materializada em expressões como *discretos e eficazes, corajosos e criativos, realistas e aplicados* que se espalham pela reportagem no interior da Revista. É a linguagem produzindo novas subjetividades, novos modos de vida, novas verdades, novas realidades.

¹ Não é intenção deste estudo discutir os problemas educacionais da época. Mas, como o assunto não deixa de ter certo interesse de todos, acrescenta-se que esta “reforma” fazia várias reivindicações como, distribuição de verbas para as escolas, universalização do ensino e erradicação do analfabetismo.

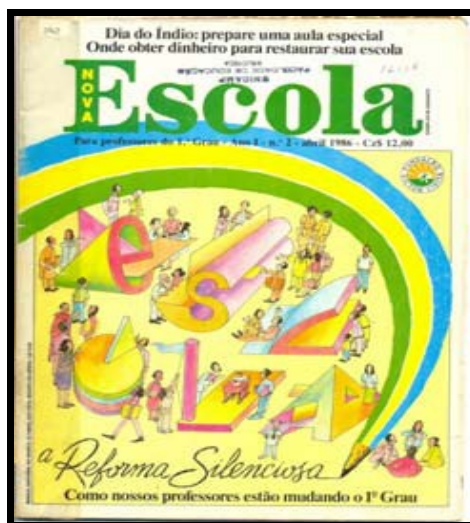


Figura 1: A Reforma silenciosa
Fonte: Nova Escola – ano I, n.2, Abril/1986.

Essas qualificações do professor, produzidas nas práticas discursivas da Revista, são ressaltadas no texto imagético quando traz forte apelo a uma nova situação no Brasil, traduzida pelas cores verde e amarela da bandeira e pela representação da sociedade escolar que sugere: professores guerreiros, pais e alunos em posições dinâmicas: lendo, escrevendo, conversando, andando e *sem medo de ser feliz*. Nessa imagem há a visibilidade de sinais de mudança nas relações sociais que evidenciam modificação de pensamento, de atitude, enfim, mudança nas subjetividades de todos, tornando-os mais livres, mais autônomos, como Foucault (2004b) sugere que sejam os processos de subjetivação, pois a liberdade infere mudanças, reivindicações, novas formas de governo de si e do outro. É a revista Nova Escola contando uma história das práticas de *dizibilidades* e *visibilidades* (DELEUZE, 2005), possibilitando dizer o sujeito e fazer ver suas ações, suas mudanças.

Este é apenas o início de uma história das subjetividades dos professores em direção ao século XXI que passa a ser contada nas páginas do periódico e possibilita ao pesquisador compreender a constituição dessas subjetividades nômades engendradas para o professor em meio aos discursos de verdade, propostos pela Nova Escola, para sua transformação. Para entender que a leitura da imprensa permite equipar o professor de saberes, de verdades que

se tornam imprescindíveis na constituição de sua subjetividade, busca-se evidências no texto de que a Nova Escola propicia tecnologias do eu que passam a constituir discursos de verdade que governam a conduta dos professores em direção ao século XXI. Como assevera Caspard:

[...] escrever uma história da educação de um outro modo: menos centrado no papel do Estado e dos grandes pedagogos e mais atento à riqueza das iniciativas locais, institucionais [...] a imprensa periódica é uma mídia interativa na orientação da qual os leitores participam de um modo ou de outro, quer escrevendo para ela, quer assinando-a ou deixando de fazê-lo". (CASPARD *apud* CATANI, 1996, p.117).

São essas tecnologias que antes não mereciam muita atenção por parte dos pesquisadores, mas que agora, na *governamentalidade* neoliberal, vêm fornecendo material suficiente para a compreensão das práticas de subjetivação de professores na atualidade. Nova Escola traduz isso com mestria em algumas capas de suas edições. As capas são apresentadas para exemplificar como a história das subjetividades nômades do professor vem sendo construída pelo periódico em seus textos imagéticos e verbais.



Figura 2: O poder do professor
Fonte: Nova Escola, ano II, n.17, nov /1987

De uma subjetividade *guerreira*, da edição abril/1986, a Revista, em novembro/1987 (Figura 2, anterior) passa a reproduzir um discurso de verdade que vem fazendo parte das

práticas discursivas oficiais e refletindo as práticas educacionais e os papéis do professor na sala de aula.

Esse *poder* do professor é reproduzido nos processos de subjetivação que são propostos pelas práticas discursivas da Revista ao problematizar acerca do governo do professor no governo do outro e ao enunciar: *O poder do professor: ele constrói o sucesso (ou o fracasso) de um aluno*. Ou seja, ao professor são dadas novas técnicas que evidenciam uma maior autonomia e poder, um governo sobre suas ações e as ações do outro. É a responsabilidade do professor na condução da conduta, requerida pelos discursos dos documentos oficiais que se traduzem nas marcas linguístico-discursivas *sucesso* e *fracasso*. Essas duas expressões evidenciam não apenas o *poder do professor*, mas também a sua responsabilidade pela condução da conduta do aluno, pois é ele quem vai construir as subjetividades vencedoras ou perdedoras do século XXI.

Por estarem ligados, texto verbal e imagético, o *poder do professor* vai produzir efeitos nas ações dos dois alunos, constituídos a partir dos discursos construtivistas que perpassam os discursos oficiais e alternativos. No aluno de roupa azul evidencia-se uma subjetividade que já aprendeu a governar a si mesma. Isso se confirma em ações como a de deixar de lado o livro didático, manifesto na posição da mão espalmada; de desfazer-se do material escolar, restrito a lápis e caderno, que ele abandona na entrada da sala de aula quando deixa cair de sua mão; enquanto o outro, de rosa, apega-se ao material escolar como se ele fosse o único responsável pelo seu sucesso. Nessas ações e atitudes tomadas pelo aluno de azul evidencia-se a condução de sua conduta, uma maior participação no próprio aprendizado. No entanto, isso não é construído de forma individual, mas pelo intermédio de um professor, cujas atitudes em sala de aula tornam possível desfazer-se de uma subjetividade como a proposta pela criança de rosa, que ainda se vê presa aos ditames do livro didático, a avaliações ao final do conteúdo e à utilização de um material didático indiferente a sua realidade. A criança de azul mostra evidências de uma maior autonomia, tanto do professor quanto do aluno, em relação aos saberes escolares. Isso aponta para uma subjetividade docente que já aprendeu a governar a si mesmo e agora promove transformações em seus alunos, ensinando-lhes a governarem a si mesmos.

Subjetividades construtivistas que se fazem presentes nas práticas discursivas de outras duas edições, novembro de 1988 (Figura 3) e abril de 1993 (Figura 4). Na edição de novembro, evidenciam-se efeitos de certa urgência nas mudanças que precisam ocorrer nas subjetividades docentes, pois o *bom professor* não pode mais se ater a práticas tradicionais de memorização, aulas meramente expositivas e conteúdos descontextualizados. Os discursos presentes nesta capa de Nova Escola evidenciam que o processo de desenvolvimento profissional precisa ser repensado, pois este não está conseguindo formar um professor que atenda aos discursos neoliberais e tenha atitudes investigativas, senso crítico, iniciativa, flexibilidade. A adjetivação *bom*, anteposta à expressão professor, traduz o processo de mudanças contínuas tanto na pessoa quanto no profissional que são necessárias para a constituição das subjetividades nômades do professor em direção ao século XXI.

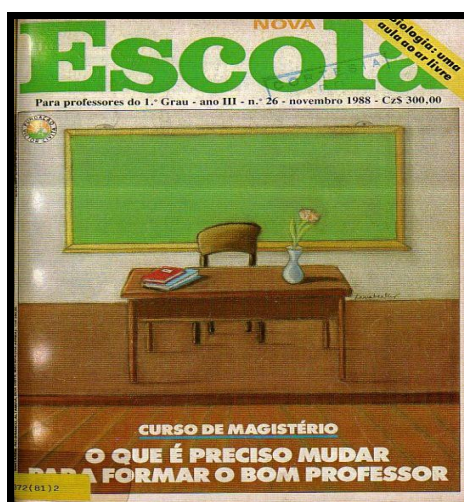


Figura 3: O que é preciso mudar para formar o bom professor
Fonte: Nova Escola, ano III, n. 26, nov./1988.

O *jogo de verdades* (FOUCAULT, 1989) que vai se construindo a partir dessa problematização, parece se materializar no depoimento de Bernadete (Figura 4), uma professora que enuncia como conseguiu se *tornar uma construtivista*. Como demonstra Foucault (2004), as subjetividades se fazem em meio a *jogos de verdades*, numerosos, atraentes, fascinantes e recobertos por regras, por procedimentos. Sua expressão de satisfação e a alegria dos alunos parecem evidenciar o que vinha afirmando acerca da relação

do poder do professor com a constituição das subjetividades autônomas dos alunos. A subjetividade construtivista de Bernadete parece responder à questão proposta na capa de Nova Escola de 1988 (figura 3), uma vez que o construtivismo só começa a fazer parte de forma efetiva nas práticas de sala de aula nos anos 90.

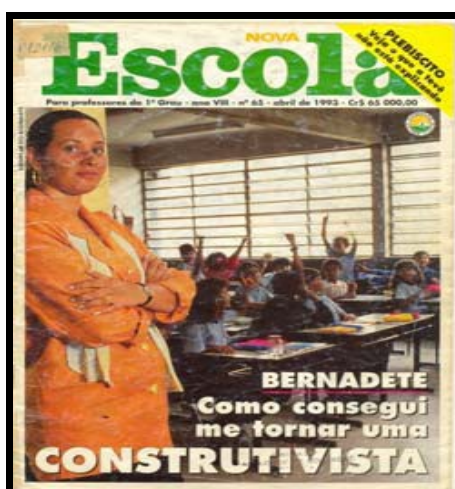


Figura 4: Como consegui me tornar uma construtivista
Fonte: Nova Escola, ano VII, n.68, abril /1993.

Assim, a ideia de um professor que ocupa lugar de destaque na sala, evidenciado pela cadeira e mesa em frente ao quadro, que deveria estar livre para que os alunos pudessem ver as informações escritas; uma flor solitária em um jarro e livros muito bem dispostos sobre a mesa, precisa ser desconstruída para ceder lugar a uma outra imagem de professor que estabelece relações, interage com os alunos, que não se coloca à frente, mas ao lado da turma. Essa é a atitude evidenciada pela imagem da professora Bernadete na capa da Revista. Sua imagem, ao lado da porta aberta, denuncia uma abertura nas práticas educativas que parece se confirmar pela imagem das crianças, sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, menos disciplinada e individualizada, evidenciando comportamentos mais livres das possíveis sanções e castigos de épocas passadas.

Na edição de agosto de 1995 (Figura 5), evidencia-se outra subjetividade do professor que vem sendo construída. É a subjetividade *tecnológica* que substitui livros e cadernos pelo computador que *chega às escolas* e aponta efeitos de um trabalho de preparação do professor

138

para que possa fazer uso dessa ferramenta, que *vai melhorar seu trabalho*, pois ele *ainda vai ensinar com um*. Mas, não é preciso ter receios quanto ao seu uso, uma vez que ele funciona *como um eletrodoméstico*, expressão que recupera a imagem feminina da profissão e evidencia que o professor não deve temer fazer uso desse recurso, pois seu uso é muito simples. É o que a imagem denuncia ao sobrepor o mouse ao giz e a marca linguístico-discursiva *ainda* que funciona como um elemento que reforça tanto a responsabilidade quanto a autonomia do professor na sala de aula.



Figura 5: Você ainda vai ensinar com um
Fonte: Nova Escola, ano X, n.86, agosto /1995.

E, finalmente, a capa da Revista (Figura 6) apresenta uma subjetividade autônoma, responsável pelo seu governo que não pode mais depender do Estado, pois este já não se constitui em um porto seguro. É a *governamentalidade* neoliberal dizendo que chegou *A hora do professor* e que é preciso se inserir em *práticas alternativas de desenvolvimento profissional* se ele quiser ocupar uma das muitas vagas que vão se apresentar no início do século XXI. Mas, como se preparar para enfrentar o mercado de trabalho tão competitivo do próximo milênio? O professor deverá procurar uma expertise que promova diferentes e variadas *tecnologias do eu* (FOUCAULT, 1989).

Estas tecnologias, embora estejam ancoradas na relação com o outro, não são manifestações de um poder soberano sobre os demais. Elas se constituem em exercícios para

a condução do professor em suas atitudes, comportamentos, ações em busca de sua liberdade, de uma relação consigo. É isso que evidencia a imagem da professora na capa de Nova Escola, de dezembro de 1999 (Figura 6). Ela corre, ou melhor, quase flutua. Suas pernas parecem longas asas que a deixam leve diante de uma corrida de obstáculos, marcada pelos lápis e suas formas pontiagudas. Carregada de diplomas em uma das mãos, ela leva a outra mão aos olhos em uma atitude de quem quer ver mais longe, de quem tenta descobrir um horizonte diferente daquele que ela tinha sob seus olhos até então.



Figura 6:A hora do professor

Fonte: Nova Escola, ano XIV, n.128, dezembro /1999.

Nesta imagem evidencia-se uma proposta neoliberal de equipagem de conhecimentos voltados para a apreensão de teorias e de práticas educacionais inovadoras, pois “só conseguirá uma colocação quem estiver bem preparado” e, com isso, já é possível entrever os inúmeros “empregos na Educação Básica”, conforme afirma a Revista Nova Escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se propôs olhar a história das subjetividades nômades na Revista Nova Escola, pensava-se a questão na condição de que uma pesquisa com periódicos é validada por três razões, de acordo com Nóvoa (2002). A primeira refere-se ao fato de que a imprensa é um

meio para a compreensão da multiplicidade de vozes que permeiam o campo educacional; a segunda alude a informações fornecidas e discursos de diferentes *experts* que constroem a educação e, por último, destaca conflitos e regulações de discursos. Esses *experts* atuam como mecanismos reguladores dos periódicos e são autorizados ou convidados ou ainda, tomam para si a função de fazer funcionar “tipos de discurso que ela [a sociedade] acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2003, p.12), ou seja, eles atuam em direção a um governo de si, constituindo subjetividades.

É unânime, então, entre os pesquisadores, o reconhecimento de que a imprensa periódica se constitui em uma mídia interativa que extrapola as expectativas dos livros, pois tem em seu interior uma multiplicidade de histórias e de verdades. Além disso, permite ao pesquisador o estudo do “pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar” (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Assim, para que as verdades dos periódicos funcionem na constituição das subjetividades nômades, é preciso que a linguagem dos *experts* propicie uma abertura para novos e diferentes pensamentos, que seja simples e conduza o leitor a *pensar diferente do que pensava antes*. Por isso, a necessidade de:

Uma linguagem mais próxima ao discurso do cotidiano escolar (ao invés do jargão acadêmico), o uso de mecanismos discursivos de envolvimento do leitor ou leitora, uma apresentação gráfica que inclui ilustrações e outros recursos além do texto escrito, e, enfim, a invocação da referência “caminho de atualização constante” delineiam um quadro característico desse tipo de publicação. (COSTA; SILVEIRA, 2006, p. 21).

Como a linguagem constitui os sujeitos e é constituída por eles, é preciso compreender os efeitos que são produzidos pelos discursos dos professores, para os professores e ainda aqueles que se fazem para os professores e passam a conduzir sua conduta. São os discursos midiáticos funcionando como uma tecnologia que, geralmente, toma para si a missão de *ajudar pessoas a compreender e resolver uma questão social fundamental no Brasil, que é a*

*educação*². A mídia educativa impressa visa, portanto, a condução das práticas cotidianas do professor, oferecendo-lhe, além de informações a respeito de conteúdos, programas oficiais, didática, teorias e práticas educativas, uma multiplicidade de técnicas para equipar e orientar as transformações de sua subjetividade. Nesse espaço, por meio de discursos, se produzem tipos particulares de conhecimento institucionalizado, que modelam práticas sociais e colocam em prática novas subjetividades.

A Revista Nova Escola apresenta, portanto, em seu funcionamento discursivo, modos de conduzir as ações do professor com uma sutileza de *governamento* presente nos enunciados que são recorrentes em muitas edições. Os discursos *orientam caminhos para [...] ensinar melhor*³ para ser *um mestre da reflexão* que evidenciam efeitos da tão propalada autonomia requerida para as subjetividades do século XXI. São subjetividades nômades que se constituem em veredas irregulares e instáveis, cujas dimensões são múltiplas. Subjetividades que são movidas pelas linhas de fuga que engendram novos sentidos. Sentidos que parecem se constituir com uma corda sobre um abismo. Fica difícil saber quando a corda sofrerá alterações. Mas, uma coisa é possível compreender: a estabilidade não é duradoura e as ações transformadoras se constituem em um *dever* que vão colocar o professor em um constante movimento, transformação de si mesmo nos processos de subjetivação em busca de um novo nomadismo, de um outro modo de ser professor.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Z.. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. New York: Columbia University Press, 1994.

² NE, nov. 2000, p.14.

³ NE, maio2001, p.22.

BRASIL. Ministério da Educação. *Relatório anual do Fundef*. Brasília: MEC, 1999a. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/fundescola>> Acesso em: 17 maio 2007.

_____. *Balanco do primeiro ano do FUNDEF*. Brasília: MEC, 1999b.

CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. In: *Educação e Filosofia*, n. 10, v.20, 115-130, jul./dez.1996.

_____; BASTOS; M. H. C. (Orgs.). *Educação em revista*. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CASPARD, P. A profissão docente, entre história e memória. Uma investigação em um instituto francês de formação de professores. *Revista História da Educação*, Pelotas: ASPHE, v. 6, n. 12, set. 2002.

COSTA, M.V.; SILVEIRA, R. M.H. A Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas para o magistério. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). *O magistério na política cultural*. Canoas (RS): Editora da ULBRA, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Pouparlers*. Paris: Minuit, São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação. In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. Tecnologías del yo. In: _____. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p.45-94.

_____. *Nietzsche, Freud, Marx – Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1997.

_____. *Arqueologia das Ciências História dos Sistemas de Pensamento*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação – Estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

MOITA LOPES. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996.

NÓVOA, A. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: EDUCA, 2002.

ROSE, N. Governing “advanced” liberal democracies. In: SHARMA, Aradhana; GUPTA, Akhil (Ed.). *The anthropology of the state*. Hardcover: Wiley-Blackwell, 2006. p.144-162

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Marluce Pereira da SILVA

Doutora em Letras e Linguística. Professora do Departamento de Letras e do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Carmen Brunelli de MOURA

Doutora em Estudos da Linguagem, área de concentração Linguística Aplicada. Professora e Coordenadora do Curso de Letras da Universidade Potiguar (UnP), Natal:RN.